

## NOSSOS CLÁSSICOS | “A GEOGRAFIA MORA NOS DETALHES E NO TODO”

**Ricardo Devides Oliveira<sup>1</sup>**

Universidade do Estado de Santa Catarina

**Jörn Seemann<sup>2</sup>**

Ball State University

Enviado em 8 set. 2021 | Aceito em 10 set. 2021

A obra do geógrafo alemão Friedrich Ratzel (1844-1904) não requer uma introdução. Seus pensamentos e textos foram discutidos em inúmeras publicações, traduzidos para diversas línguas e se tornaram uma referência para os estudos sobre as relações entre os seres humanos e o meio ambiente, bem como para a geografia política. No Brasil, foi a coletânea pioneira de traduções seletivas de textos para o português por Moraes (1990) que proporcionou aos leitores brasileiros acesso a uma parte da vasta produção acadêmica de Ratzel, apesar do fato de que essas traduções não foram feitas diretamente dos originais em alemão, mas se basearam nas versões em italiano, francês e inglês. Vale salientar esse detalhe porque levanta a questão da traduzibilidade da obra de Ratzel. Há muitas palavras e expressões que exigem uma interpretação mais complexa do que uma tradução ao pé-da-letra, o que tornaria a leitura difícil “para um leitor do português brasileiro de hoje que está acostumado à linearidade e simplicidade de um texto científico-pragmático”, sem ter a compreensão da sua “forte carga etimológica” (SAHR, 2010: 154).

Para além da necessária e desafiadora (des)construção etimológica que marca o processo de tradução do alemão de época para o português e que aprofundaremos mais adiante no diálogo com as especificidades do pensamento e do estilo de Ratzel, o presente artigo que acompanha o texto traduzido se propõe a apresentar um conjunto de reflexões e um desenho mais completo do geógrafo alemão a partir de referências e obras ainda desconhecidas pela grande parte da geografia brasileira e em língua portuguesa. Como veremos a seguir, muitas das ideias extraídas destes trabalhos fazem aflorar uma interpretação mais humanizada de Ratzel, no sentido de que são atravessadas por memórias, dedicatórias, crises, reflexões, viagens, caminhadas e uma multiplicidade de questionamentos. Ou seja, singularidades que acompanham a trajetória de um ser humano ou a composição de um livro, por exemplo, mas que ficam sempre nas entrelinhas, escondidas numa nota de rodapé ou em uma resenha. Assim, priorizaremos mais a discussão em torno das ‘geografias

---

1. Mestre pela Universidade Estadual de Campinas. Docente colaborador da Universidade do Estado de Santa Catarina. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9678-6754>. E-mail: [rdivides@hotmail.com](mailto:rdivides@hotmail.com)

2. Doutor pela Louisiana State University. Professor associado da Ball State University. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7105-4335>. E-mail: [jseemann@bsu.edu](mailto:jseemann@bsu.edu).

personais' de Ratzel ao invés de abordar a sua obra dentro do contexto das ciências e da sociedade na passagem do século XIX-XX na Alemanha.

O título que acompanha o artigo, "A geografia mora nos detalhes e no todo", almeja apenas demarcar uma perspectiva de geografia aberta que, para o próprio pensador alemão, mora nos pormenores e busca a apreensão do todo. Escolhemos esse título como referência a uma passagem no texto de Ratzel, na qual ele liga uma citação do romance *Der grüne Heinrich* ("O Henrique Verde") de Gottfried Keller ao amor pelas ciências e uma visão *hologeica* ("abraçadora") do mundo (CARVALHO, 1999): "Pois no fundo também existe nas bases da ciência 'o amor dedicado a tudo que é feito e que existe, que honra o direito e o significado de qualquer coisa e sente a relação e a profundidade do mundo, mais elevado do que o destaque do singular' (RATZEL, 1906: 16, tradução nossa). Vale salientar que Ratzel abreviou a última parte ("mais elevado do que o destaque do singular") da citação. O texto no original de Keller lê: "Esse amor fica mais elevado do que o destaque *artístico* do singular *para uma finalidade interesseira, que sempre leva à pequenez e ao capricho*" (KELLER, 1879: 6, ênfase e tradução nossas).

No decorrer das últimas décadas, vários geógrafos e geógrafas no Brasil realizaram traduções de textos originais de Ratzel: Luciana Martins (RATZEL, 2001), Marcos Bernardino de Carvalho (RATZEL, 2010), Marquessuel Dantas de Souza e Gabriel Reichenheim (RATZEL, 2016), Leonardo Arantes (RATZEL, 2019a, 2019b, 2019c) e Jörn Seemann (RATZEL, 2019d). Entretanto, essas traduções alcançam somente uma fração do que Ratzel estudava e fazia e não dizem respeito à envergadura completa da sua obra que ainda está aguardando uma exploração mais profunda. Em sua maioria, os textos traduzidos tratam dos temas e assuntos que ajudaram a criar uma imagem de Ratzel que reafirma as suas contribuições mais impactantes para a geografia. A consequência dessa seletividade de traduções é que, em vez de apontar para a diversidade das suas publicações, consolidou-se um retrato quase estereotipado e caricaturado do geógrafo alemão como fundador do determinismo ambiental e instigador de um pensamento geopolítico que o regime nazista incorporou à sua doutrina três décadas depois da sua morte. Na superfície, Ratzel aparece como geógrafo humano, "difusionista", geopolítico, etnógrafo, colonialista/imperialista/nacionalista e "determinista", não necessariamente nessa sequência – rótulos que, com certeza, são parte da sua concepção política e ideológica – mas que representam somente uma parte da sua visão de mundo.

Contudo, existem outras faces do "enigma" Ratzel (SEEMANN, 2012) menos conhecidas ou mesmo esquecidas, que se revelam nos seus escritos mais curtos. Até agora, os estudos sobre Ratzel tendiam a se concentrar nas suas obras mais vultosas e não nas contribuições menos monumentais. O exame desses textos menores (no sentido do seu tamanho, não pela sua importância) ajudaria a produzir um retrato mais completo do geógrafo alemão, levando-se em conta que muitos estudos procuraram inserir Ratzel apenas no contexto político-econômico e cultural da sua época e em relação ao presente. Ratzel é predominantemente estudado a partir do seu contexto histórico e não como pessoa (para exceções veja REISHAUSER, 1905; BUTTMANN, 1977; LÜDECKE, 2002).

A partir dos anos 80, geógrafos de língua francesa como Raffestin (1988) e Sanguin (1990) evidenciaram a necessidade da autocrítica no que concerne às incorretas associações do geógrafo alemão aos diversos *ismos* (CARVALHO, 2010: 146). No começo dos anos 90, o geógrafo suíço Charles Hussey (1993) chamou a atenção para a simplificação do pensamento ratzeliano, sobretudo na França, e pediu uma releitura da sua obra que deveria incluir os "dois Ratzel's": "o 'fazedor' [*forjeur*] de conceitos, de um lado, e o ideólogo (apesar de si mesmo) do Estado totalitário, por outro lado; um Ratzel geógrafo e um Ratzel geopolítico" (HUSSY, 1993: 435). A ideia de uma dupla personalidade ainda está longe de captar a real complexidade de Ratzel, pois há muitos outros Ratzel's: o cientista natural (por exemplo, zoólogo), apreciador e poeta romântico da natureza, estudioso dos Alpes,

especialista na geografia da neve, resenhista de livros, professor universitário, pessoa religiosa e até esposo e pai de família.

No segundo volume da coletânea póstuma *Kleine Schriften* ("Pequenos Escritos"), Viktor Hantzsch (1906) apresenta uma bibliografia extensa de Ratzel com "mais do que 1200 publicações, entre esses 35 livros, 543 artigos, ensaios, comentários, esboços biográficos, colunas de jornal e nada menos do que 635 resenhas de livros" (SEEMANN; PEDROSA, 2019: 139). Na bibliografia de Hantzsch encontram-se não apenas as obras mais proeminentes de Ratzel, como a *Anthropogeographie* (1882/91), *Völkerkunde* (1888) e *Politische Geographie* (1897), mas também outros livros completos que nunca foram traduzidos para outras línguas, por exemplo, *Wandertage eines Naturforschers*, ("Dias de caminhada de um naturalista", 1874), *Die Chinesische Auswanderung* ("A emigração chinesa", 1876), *Taschenbuch für Fußreisende* ("O livro de bolso do caminhante", em três edições entre 1880 e 1890) e *Die Schneedecke, besonders in deutschen Gebirgen* ("A cobertura da neve, especialmente nas montanhas alemãs", 1889). A vasta bibliografia reflete a trajetória científica e a diversidade de interesses de Ratzel e ilustra a sua transformação de um zoólogo/jornalista para um geógrafo humano/histórico/político/ambiental. Outras joias e curiosidades na sua bibliografia são peças como a "história do desenvolvimento da minhoca" (1868), "o ensino público na Birmânia Britânica e Assam" (1878), "Sobre a avaliação da antropofagia" (1878), uma acusação contra rodas de borracha em carroças que atropelam pessoas em silêncio (1894), o proposto canal da Nicarágua como alternativa ao Canal do Panamá na América Central (1897), a taberna em aldeias na Alemanha (1898) e a contemplação da natureza a partir de um conto de fadas sobre a cactácea dama-da-noite (1900).

Outra obra que merece destaque pela potência reveladora das predileções de Ratzel ao longo de sua vida é *Glücksinseln und Träume: Gesammelte Aufsätze aus den Grenzboten* ("Ilhas de felicidade e sonhos: ensaios coletados [da revista] Os Mensageiros da Fronteira"). Originalmente publicado no ano depois da sua morte (RATZEL, 1905), é uma coletânea que abarca suas memórias de infância, fotografias e uma enormidade de esboços reflexivos sobre os mais diversos assuntos, por exemplo, *Die Sonnenfinsternis* ("O eclipse solar", um texto em que narra os acontecimentos que marcaram sua infância), imagens da guerra franco-prussiana e do hospital onde ficou após ser ferido; caminhadas no sudoeste da Alemanha; e ainda inúmeras obras e pensadores resenhados entre os anos de 1888 e 1904. A menção a esta joia rara ainda passível de ampla análise deve-se ao fato de que permite uma melhor compreensão da trajetória de Ratzel até sua fase madura, marcada por profundas reflexões sobre a natureza e a paisagem, que o geógrafo afirmava amar acima de tudo.

Apesar do tempo que levava para escrever seus trabalhos, Ratzel tinha uma paixão pela paisagem natural que, para ele, não servia apenas para contemplar à distância, mas também para caminhar. O Ratzel viajante que, como jornalista e correspondente especial, percorreu a Europa Oriental, o Mediterrâneo, França, Itália, Estados Unidos, México e Cuba, também adorava caminhar pelos Alpes como um bom naturalista e arguto observador em busca de uma inspiração a mais. Esse movimento de Ratzel pelos mistérios da natureza se faz presente na obra *Über Naturschilderung* ("Sobre a Narração da Natureza", 1904) tanto pelas problemáticas e referências com as quais o autor se põe em diálogo quanto pela preocupação em ampliar a nossa compreensão científica da natureza através da arte e da narração. A concepção de natureza que Ratzel endossava encontra-se, sobretudo, na poética das suas palavras e na beleza da sua crítica à geografia.

Logo no prefácio do *Über*<sup>3</sup>, ao dedicar a obra "a todos os amigos da natureza e aos professores de geografia que buscam despertar em seus alunos a grandeza da beleza do mundo" (RATZEL, 2010: 157), o geógrafo alemão clarifica o objetivo da obra: possibilitar aos que fazem a geografia

---

3 Usaremos essa abreviação do título ao longo deste texto.

(professores, estudantes e pesquisadores) um reencantamento do mundo em uma época extremamente conturbada, esvaziada de sentidos e perspectivas, na qual a ampliação dos horizontes interpretativos da geografia adquire importância central. Com um espírito despojado, alegre, reflexivo, incisivo e às vezes irônico, Ratzel identificou no diálogo com pensadores, poetas e naturalistas do período romântico os principais referenciais teóricos para aproximar a ciência geográfica da arte e da narração.

Reconhecendo a importância desta obra de Ratzel até para a geografia francesa, Jean Brunhes (1869-1930) afirma que “os geógrafos franceses sabem o que eles devem a ele que era, por excelência, um semeador e evocador de ideias” (BRUNHES, 1904: 108) e acrescenta uma nota pessoal: “o professor Ratzel me contou ele mesmo nestes termos, no último mês de janeiro, a evolução característica de sua carreira: fiz viagens, desenhei, escrevi. Eu era conduzido pela *Naturschilderung*” (BRUNHES, 1904: 105). Pautado por um preenchimento urgente de pensamentos e sentimentos, *Über Naturschilderung* foi tratado pelo próprio autor como um guia para a riqueza revigorante de impressões agradáveis que se encontram no lado artístico da geografia: “*Er hatte solch eine Fülle von Ideen!*” (WEGENER, 1905: 584) afirma o geógrafo alemão Georg Wegener (1863-1939) em uma resenha emocionante. Essa plenitude de ideias se expressa nesse livro, para o qual Ratzel juntava informações e exemplos ao longo da sua vida. Em outras palavras,

Encontra-se um fogo, uma abundância insistente de pensamentos e sensações nesse livro pequeno, um amor tão ardente pelo mundo inteiro de fenômenos, uma alegria tão profunda por toda a sua beleza, e uma força tão incomum para captá-lo [o mundo] vive dentro dele [o livro] de modo que a dor de ter perdido esse homem apenas aumenta ainda mais do que anteriormente (WEGENER, 1905: 584, tradução nossa).

Em outra resenha do livro, Martha Krug Genthe (1871-1945), geógrafa alemã radicada nos Estados Unidos, salienta que o mérito de Ratzel está no seu esforço de ligar ciência e arte na geografia, levando-se em conta que a ciência por si não seria suficiente para compreender a natureza. Arte e poesia podem ser traduções mais inteligíveis. Na sua conclusão, ela elogia o livro, dizendo que “é simplesmente impossível no espaço limitado de uma resenha aludir aos numerosos aspectos que fazem desse livro uma mina de sugestões para todos que se engajam em escritos geográficos” (KRUG GENTHE, 1905: 59). O geógrafo francês Vidal de La Blache escreveu uma resenha mais pedante, queixando-se de que Ratzel deixou a sua visão pessoal sobre a natureza aparecer em algumas partes em vez de apresentar uma descrição mais científica. La Blache também não encontra uma palavra mais adequada para a tradução de *Naturschilderung* (descrição!) e enfatiza a precisão das ciências em pleno espírito positivista. Ele conclui a sua resenha sobre *Über* com as seguintes palavras: “O que nós devemos reter desse escrito é que a arte da descrição (sic) não tem nada a perder no contato com a ciência. É bom que a geografia, sem sacrificar nada da precisão científica, se lembre de que as mentes são sempre atraídas pela arte; este último conselho de Ratzel merece ser entendido por nós e em outros lugares” (VIDAL DE LA BLACHE, 1905: 75).

*Über* foi publicada pela primeira vez em 1904, pouco tempo depois da morte precoce de Ratzel. A obra teve novas edições sem alterações em 1906, 1911 e 1923, além de reedições digitais mais recentes. Devido ao acesso difícil à primeira edição, usamos a segunda edição inalterada de 1906 (RATZEL, 1906). O livro está dividido em três partes principais: Introdução, A Beleza e o Sublime na Natureza e Arte da Narração. A introdução consiste em dois capítulos: o primeiro, a tradução que segue a essas reflexões, explica a sua concepção de descrição (*Beschreibung*) e narração (*Schilderung*); o segundo, traduzido por Marcos Bernardino de Carvalho (RATZEL, 2010), trata das relações entre arte e ciência. A seção seguinte do *Über* se direciona ao que se concebe como o belo

e o sublime na natureza. Nos três capítulos, Ratzel discute a beleza (com subseções sobre temas como a geometria, simetria, ritmo, vista, opostos e movimentos na natureza), o sublime (por exemplo, distância, tranquilidade, as forças da natureza, emoções, solidão e medo) e a empatia, os processos de pensar e sentir espaços e lugares naturais. A última parte é dedicada à arte da narração. Nos quatro capítulos, Ratzel discute elementos essenciais dessa arte: a observação, a influência da poesia e pintura para a narração sobre a natureza; o poder das palavras na narração e o papel das imagens. Esses detalhes do sumário apontam para um Ratzel geógrafo humanista, preocupado com estética, beleza e harmonia na paisagem. Ele chega a comparar paisagens a peças musicais e escreve:

Porém, a comparação entre uma sequência de notas musicais com a sequência de fenômenos da natureza é seguramente mais do que justificável. Neste sentido, fala-se do ritmo da paisagem. O ritmo musical consiste em descidas e subidas [do som] e assim também existem descidas e subidas no jogo das ondas na arrebentação tanto como nas dobras geológicas da montanha ou nas ilhas de um arquipélago, as quais, por fim, se perdem em ilhotas e rochedos lá fora na distância (RATZEL, 1906: 84-85, tradução nossa).

A tradução compõe a primeira parte da introdução do livro e intitula-se *Beschreibung und Schilderung* (Descrição e Narração). Como mencionado acima, não existe uma tradução perfeita dos textos de Ratzel quanto ao estilo, escolha das palavras e inserção no contexto da Alemanha na virada para o século XIX-XX. O título do último livro de Ratzel por si só exige maiores explicações, porque o termo *Naturschilderung* é uma expressão sem palavra adequada em português. A tradução simplificada de *Beschreibung* (mera descrição) e *Schilderung* (narração) para o português seria descrição, mas não leva em consideração os significados distintos de cada palavra. Na sua tradução do segundo capítulo da introdução, Carvalho (2010) traduz *Schilderung* como "interpretação" para enfatizar a leitura da natureza como um processo além de uma simples descrição. Pelo seu significado, interpretação seria um processo analítico que combina opinião, concepção, avaliação e explicação e iria mais longe do que o sentido da palavra alemã. Luciana Martins (1993) escreve que *Schilderung* "é proveniente de 'Schild', escudo em alemão, [e] é empregada no sentido de narrativa: faz lembrar o escudo de Aquiles, gravado com as façanhas do guerreiro" (MARTINS, 1993: 60). Indo mais longe e de acordo com um dicionário etimológico da língua alemã, o verbo *schildern* tem as suas raízes em versões mais antigas do holandês e do alemão antes do século XVII, tendo sentidos como "representar com palavras" ou "pintar", aludindo ao trabalho de pintores artísticos que pintaram os escudos de cavaleiros com imagens e brasões. Na transição da língua para o alto-alemão no século XVII, preservava-se o sentido de "pintar com palavras" (PFEIFER et al., 1993). Outra obra de referência sobre a língua alemã confirma esse significado e acrescenta que, na conversa, o verbo também pode significar enfatizar peculiaridades e representar com clareza (FAULMANN, 1893: 304).

Assim, em vez de uma enumeração seca e objetiva de fatos e dados, Ratzel busca engajar a paisagem numa narração ou sucessão de eventos. A diferença entre descrição e narração fica evidente no capítulo 1, na medida em que Ratzel argumenta que a narração oferece à geografia uma potencialidade interpretativa que as descrições, enquanto simples enumeração de características, não conseguem alcançar; sendo a primeira a gênese do lado artístico da geografia. Ao dar o exemplo de descrição (a de paisagens inteiras) de uma montanha, depois de minuciosamente compartimentar seu relevo, enumerar suas características, conhecer seus processos específicos tais como a orogênese e a meteorização, a cobertura vegetal e a ocupação antrópica e, ainda, medir a área e calcular suas alturas médias, Ratzel questiona: "Conhecemos a montanha? Claro que não! (...) Temos uma estrutura de linhas e cem detalhes; mas não temos a coisa como está no mundo" (RATZEL, 1906: 19, tradução nossa). Pela narração, além da necessidade de olhar o todo e suas relações, é

preciso “dar uma forma” que esteja em harmonia com o nosso sentimento estético (RATZEL, 1906: 18). Portanto, diante do exposto, consideramos que o título que mais corresponde às especificidades do pensamento geográfico de Ratzel seja “Sobre a Narração da Natureza”, embora esse termo não seja de uso muito comum no Brasil.

Para reforçar seu ponto de vista, Ratzel afirma que os melhores exemplos de narração da natureza estiveram presentes nos trabalhos de Alexander von Humboldt (Fisionomia das Plantas, II Tomo de Quadros da Natureza, 1808) e Oscar Peschel (A formação dos fiordes, 1868). Ele postula “a necessidade de também realizar narrações da paisagem histórica de forma científica” (RATZEL, 1906: 11, tradução nossa), da mesma maneira como ele realizou no anexo da primeira edição da sua Antropogeografia, tomo I, quando analisa a geografia de sítios históricos na Grécia da Antiguidade (RATZEL, 1882: 475-480). Entre diálogos com pensadores clássicos da geografia e suas próprias obras, destaca-se no pensamento geográfico de Ratzel no *Über* um profundo conhecimento sobre a geografia física e a paisagem dos Alpes, por onde ele intercala críticas, contrapontos e reafirmações a partir de uma gama de referências da geologia alemã, para então evidenciar a importância da geografia na narração da paisagem.

A geografia, para Ratzel, deveria observar minuciosamente todos os detalhes para compor o todo e considerar as relações de tamanho e forma como também as singularidades das cores, tonalidades e cheiros (RATZEL, 1906: 24). Neste processo científico e artístico, retoma-se também “as diferentes reflexões sobre paisagens, [categorizadas] por tempo, lugar e cultura, existentes na alma dos pensadores, poetas e artistas, sendo isso, o desenvolvimento do sentimento pela natureza (*Naturgefühl*) e da arte da narração, nos quais é dada, ao mesmo tempo, uma escola para o desenvolvimento do sentido da natureza (*Natursinn*) e para a arte da narração em cada um de nós” (RATZEL, 1906: 14-15, tradução nossa). *Naturgefühl* e *Natursinn*, como podemos perceber, demonstram um forte elo de Ratzel com o romantismo alemão, sobretudo no estilo poético de Humboldt.

A presença do romantismo e da *Naturphilosophie* em Ratzel é mais intensa e estendida do que se possa imaginar. Gerhard Müller (1998-1999) apresenta Ratzel como um “esteticista da natureza” e demonstra que a construção do *Über* foi sendo sedimentada muitos anos antes de 1904 – por exemplo, no segundo volume da sua coletânea de ensaios *Wandertage eines Naturforschers* (RATZEL, 1873), no qual descreve as suas viagens na Transilvânia e nos Alpes, e em um artigo sobre a arte de narrar a natureza (RATZEL, 1888). Essas duas publicações - e muitos outros artigos – merecem análise *a posteriori* e indicam que Ratzel estabeleceu um profundo diálogo com filósofos, poetas e escritores da natureza, dentre os quais, além de Georg Foster e Humboldt, Adalbert Stifter (1805-1868), Jean Paul (1763-1825), Nikolaus Lenau (1802-1850), Christian Hebbel (1813-1863) e Heinrich Noé (1835-1896), que Ratzel comparou ao naturalista norte-americano Henry David Thoreau pelo “bom uso da natureza” (MÜLLER, 1998-1999: 140). Em relação a Humboldt, há uma curiosidade que merece menção. Müller (1998-1999) relata, embora sem uma indicação clara da sua fonte, que Ratzel, três semanas antes de sua morte, escreveu uma nota para o prefácio do *Über* explicando que pensou em usar a expressão *Naturgemälde* (pinturas, quadros ou retratos da natureza) no título do seu livro, mas excluiu essa opção em consideração ao mesmo título do livro de Humboldt, popularmente conhecido como “Quadros da Natureza”.

Outro aspecto para enfatizar é que Ratzel não filosofava ou discursava sobre a natureza. Ele a experimentava diretamente como caminhante apaixonado. Não perdia oportunidades de caminhar nos Alpes e subir em diversos picos até o seu médico vetar qualquer exercício físico mais esforçado devido à condição fragilizada do seu coração (REISHAUER, 1905: 10). Ratzel era o contrário dos

chamados geógrafos de gabinete, como Immanuel Kant e Carl Ritter, e gostava de ver a natureza *in situ*. Entre os trabalhos de Ratzel, encontra-se uma edição atualizada de um livro popular de dicas para o viajante a pé, *Taschenbuch für Fußreisende* ("O livro de bolso do caminhante", publicado originalmente pelo editor e livreiro Friedrich Johannes Frommann [1797-1886]). Ratzel conduziu uma revisão geral de alguns capítulos da obra (equipamento, planejamento do tempo, comportamento em pousadas e companhia de viagem) e acrescentou duas partes novas: a observação durante a viagem e assuntos diversos (viagens em países estrangeiros, viagens de trem e comportamento entre viajantes não conhecidos). No capítulo sobre observação, ele salienta a importância da harmonia entre corpo e alma ("uma mente sã em um corpo sã") e afirma:

Com apatia mental o corpo também ficará pesado; por outro lado, nada consegue mais vitalizar o cansaço e o ajuda a aguentar todas as queixas com um certo entusiasmo que um interesse mental, desde o sentido geral da beleza da paisagem ao estudo especializado do geólogo ou conhecedor de plantas. E será que algo seria capaz de dar à nossa mente um impulso maior e ao nosso sentido mais capacidade de absorção e perspicácia, que o frescor corporal que adquirimos pelas caminhadas?" (RATZEL, 1880: 58, tradução nossa).

Além do contato físico com a natureza e a observação, Ratzel destaca a importância da escolha adequada de palavras na narração da natureza no *Über*. No capítulo 8, que trata da "palavra", ele escreve: "A descrição pode ser uma simples justaposição de impressões, na ordem em que estão na natureza; a narração, por sua vez, aspira à reprodução da imagem completa, como se gravou na alma do observador, sendo que coisas principais se destacam e o não essencial recua" (RATZEL, 1906: 316-317, tradução nossa). Aqui, Ratzel enfatiza o papel central do observador, não como relator objetivo de fatos, mas como alguém que se relaciona e engaja com a paisagem que literalmente é um estado da alma, frase atribuída ao filósofo suíço Henri Frédéric Amiel e posteriormente usada (sem citar a fonte) pelo filósofo francês Gaston Bachelard na sua *Poética do Espaço* (1993) e em José Saramago no romance *A Caverna*, onde "diz-se que a paisagem é um estado da alma. É que a paisagem de fora, a vemos com os olhos de dentro" (SARAMAGO, 2000: 89). Essa perspectiva de imaginação poética também "afeta" Ratzel e indica uma potência fenomenológica da imagem formada no observador, capaz de cultivar a beleza e o sublime que se encontram não apenas na natureza como também na própria existência humana.

Não contente com a diferença entre descrição e narração, Ratzel acrescenta um terceiro modo de leitura geográfica, a representação, reprodução ou revelação do sentimento e o resumo da impressão pessoal que a paisagem evoca ou provoca no observador (*Wiedergabe der Stimmung*): "ela dispensa linhas, formas e cores e diz o essencial com poucas palavras, as quais infundem logo a reflexão bem com a sensação" (RATZEL, 1906: 317, tradução nossa). Para explicar melhor essas diferenças, ele apresenta exemplos de textos para cada tipo (quadro 1).

Quadro 1 - Comparação textual entre descrição, narração e sentimento (RATZEL, 1906: 317-318)

Descrição	Narração	Sentimento do observador
Der Strom beschreibt in seinem unteren Lauf, wo er in einem Bett aus feinen eigenen Ablagerungen fließt, zahlreiche Schlingen von 10 bis 15 km Länge und 2 bis 5 km Breite.	Scharf gekrümmten sind die vom Wasser abgetrennten Uferformen, in denen in der Konvergenz der Schlingen der zähe, braune Mergel oder Ton steil zutage tritt.	Die selben gekrümmten Uferformen, die aus dem Meeresufer der Küstenstrom schneidet, gräbt hier in das Tiefland der Fluß: es sind die überall übereinstimmenden Formen bewegten Wassers.
O grande rio assina no seu curso baixo, onde ele flui em um leito dos seus próprios sedimentos, numerosos meandros de 10 a 15 km de comprimento e 2 a 5 km de largura.	Nitidamente curvadas são as formas das margens [do rio] cortadas pela água, nas quais a marga ou argila marrom viscosa transparece na convexidade dos meandros.	O rio escava aqui nas planícies as mesmas formas curvadas da margem, que a corrente costeira corta das beiras do mar: essas são as formas da água em movimento, concordantes por toda a parte.

Ratzel não desiste e sente a necessidade de acrescentar mais outra versão da paisagem do rio, a sensação poética (quadro 2).

Quadro 2 - a sensação poética na escrita (RATZEL, 1906: 317)

<b>Durch das Feste gebunden und doch bestrebt, seiner eigenen Natur zu folgen, strömt der Fluß für kurze Strecken aus der Richtung seines Gefalles heraus, um gleich wieder in dieselbe zurückzubiegen. Dumpf und schwer wälzt sich die trübrote Wassermasse, ist das Bild eines Steppenflusses Zentralasiens;</b>	Amarrado pelo sólido, mas ainda forçado a seguir sua própria natureza, o rio sai correndo em trechos curtos da direção do seu declive para logo em seguida se dobrar de volta a mesma [direção]. O volume d'água turvo-vermelho se arrasta monótona e pesadamente, é a imagem de um rio das estepes da Ásia Central.
--	--

Esse exemplo não apenas mostra o poder e a poesia das palavras, mas também o desafio de traduzir o estilo e a escolha de palavras de Ratzel e se aproximar do estado de sua mente. É duvidável que haja apenas uma tradução possível desses trechos. De qualquer maneira, Ratzel procurava escrever “visualmente” no sentido da palavra *schildern* como “pintar com palavras”. Esse dom de escrita geográfica apenas se desenvolve em pessoas que sabem perceber, observar e ver, leitores e narradores da paisagem. Hermann Reishauer (1905) teve acesso aos diários pessoais do geógrafo alemão, nos quais observações minuciosas foram anotadas. Reishauer enfatiza a curiosidade e o impulso ou até a compulsão de observação de Ratzel em muitos detalhes:

É admirável o que ele repara e o que prende a sua atenção. Logo são formas sólidas, logo formas líquidas, as quais o levam à anotação de um comentário; logo ele se manifesta sobre o caráter da paisagem, logo sobre o crescimento estranho de uma árvore ou um arbusto; logo se interessa por uma faixa de neve, logo pela harmonia das cores na natureza, logo um sulco de escombros, logo a nuvem que paira no cume das montanhas, logo um sítio camponês, logo a vida em um lago nas montanhas. Agora ele desenha o perfil de um vale estreito, em seguida a cobertura vegetal de um monte de resíduos da mineração ou as formas lixiviadas de uma paisagem de lapíás [*Karrenlandschaft*] ou o entrançado das raízes ramificadas de um pinheiro alpino. Logo ele faz de novo um croqui de um prédio interessante ou do traje de cabeça de uma camponesa ou as camadas geológicas expostas de um paredão rochoso (REISHAUER, 1905: 12, tradução nossa).

Nessa lista substancial de tarefas e atividades, menciona-se o pinheiro alpino (figura 1a), cientificamente conhecido como *pinus cembra*, que também foi uma das sete fotos que Ratzel incluiu como ilustração no *Über*. A imagem aparece no frontispício do livro e mostra uma árvore alta e raquítica em uma clareira nas montanhas dolomitas do Vale Gardena nos Alpes italianos, com a face rochosa de uma montanha ao fundo. Não há mais detalhes sobre a árvore ou se a foto é de autoria



de Ratzel e porque essa imagem foi escolhida para figurar nesse lugar proeminente do livro. Apenas se pode especular. A foto contradiz o ideal de beleza, mas fascina pela sua aparência selvagem e quase morta, talvez um símbolo de resistência, e o entrançado dos seus galhos em um ambiente inóspito para uma vegetação arbórea.

Ratzel menciona esse tipo de pinheiro em vários textos, inclusive no seu livro *Der Lebensraum* (RATZEL, 1901: 68-69). A árvore lhe serve como exemplo para explicar que um espaço vasto garante a sobrevivência de uma espécie. Originalmente crescia em áreas muito grandes na Eurásia, do Mar de Okhotsk aos Alpes Ocidentais mas, no começo do século XX, devido à interferência humana, ocorre em abundância apenas no Norte da Ásia. Ratzel lamentou que o pinheiro estivesse recuando cada vez mais nos Alpes: "Por exemplo, suas localizações e até o número de exemplares podem ser contados nos Alpes bávaros" (p.68). A foto no *Über* tem muita semelhança com uma gravura (figura 1b) em um artigo sobre esse pinheiro alpino de Friedrich Simony (1870) que Ratzel mencionou no seu livro.

Figura 1 - O pinheiro alpino no *Über* (1a) e no artigo de Simony (1b)



Atento ao desenvolvimento técnico do seu tempo, em especial a fotografia, Ratzel também nos legou uma pertinente discussão sobre os perigos da idealização da natureza – e das paisagens – através de construções imagéticas que foram durante muito tempo copiadas, difundidas e popularizadas em trabalhos científicos, revistas de viagens e guias de ensino de geografia, sobretudo ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX. Ao discutir a relação da narração com o mapa e a imagem na última seção do capítulo, Ratzel destacou o grande valor da fotografia para a geografia, no sentido de que esta técnica permitiria criar imagens com maior precisão e preço mais baixo (RATZEL, 1906: 26), mas ressaltou que em muitos casos, onde “a fotografia é somente reprodução, a arte torna-se

explicadora da natureza” (RATZEL, 1906: 29, tradução nossa). Com isso, a narração necessita juntar-se ao mapa e à imagem e, combinadas dentro de um processo interpretativo, possibilitariam extrair o belo da paisagem e reproduzir a sensação que existe nas imagens da natureza e nas obras dos homens sobre a natureza (RATZEL, 1906: 25).

Não poderíamos deixar de salientar que, no *Über*, também aflora o Ratzel professor, preocupado com a educação geográfica da época. Entre dedicatórias prefaciadas e críticas contundentes aos guias de geografia, sobretudo aos materiais imagéticos produzidos para a escola, é nítido que suas discussões sobre narração e arte na geografia tinham um rebatimento crítico sobre a forma como a geografia era ensinada, portanto, sobre como se apreendia o conhecimento geográfico do mundo. O Ratzel professor, no contexto do *Über*, parece também ter sido atravessado pelo tipo de educação que teve na sua fase jovem – uma educação de base romântica – onde, segundo ele mesmo nos relatos sobre sua educação publicados na coletânea “Ilhas de Felicidade e Sonhos” (RATZEL, 1905), deliciou-se com os poemas de Schiller e “enfrentou” Goethe, sobretudo através da leitura do clássico *Die Leiden des jungen Werthers* (“Os sofrimentos do Jovem Werther”, 1774)

A tradução de *Beschreibung und Schilderung* e as nuances do processo construtivo do *Über* reforçam que Ratzel nos legou um verdadeiro “treinamento estético” para a leitura e representação da natureza, indicando potenciais contribuições para o repensar epistemológico e teórico-metodológico dos saberes-fazeres geográficos, atuais ainda bastante contaminados pelo pragmatismo positivista, que vê natureza e paisagem cada vez mais como recursos. Ratzel nos mostra definitivamente que sua geografia é aberta, e não esteve rigorosamente presa a contextos políticos e paradigmas científicos. Além de protagonista no processo de institucionalização da geografia alemã, Ratzel colocou-se como vanguarda de teorizações desenvolvidas décadas depois e que encontram correspondência no seu pensamento geográfico: narração, arte, sentimento estético, sentimento pela natureza e emoções são apenas alguns indicativos de diálogos promissores; e se na superfície Ratzel ainda aparece nas aulas de geografia e nos espaços científicos como geógrafo humano, determinista e imperialista, na profundidade vão surgindo novas facetas que completam a imagem do geógrafo alemão: esteticista da natureza, narrador de paisagens e caminhante das montanhas.

## Bibliografia

- BACHELARD, G. 1993. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- BRUNHES, J. 1904. Friedrich Ratzel (1844-1904). *La Géographie*, v.10, n.2, p. 103-108.
- BUTTMANN, G. 1977. *Friedrich Ratzel: Leben und Werk eines deutschen Geographen (1844 – 1904)*. Stuttgart: Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft.
- CARVALHO, M.B. 1999. Geografia e complexidade. *Scripta Nova*, Barcelona, n.34. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-34.htm>. Acessado em: 01 abr. 2021.
- CARVALHO, M.B. 2010. Friedrich Ratzel (1844 – 1904): "O insípido está sempre incorreto". *GEOgraphia*, v. 12, n.23, p. 140-156.
- FAULMANN, K. 1893. *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache nach eigenen neuen Forschungen*. Halle/Saale: Ehrhardt Karras' Verlag.
- HANTZSCH, V. 1906. *Ratzel-Bibliographie 1867-1905*. Verzeichnis der selbständigen Werke, Abhandlungen u. Bücherbesprechungen Friedrich Ratzels. Munique e Berlim: R. Oldenbourg.
- HUSSY, C. 1993. Y aurait-il deux Friedrich Ratzel? *Cahiers de Géographie du Québec*, v. 37, n.101, p. 435-440.
- KELLER, G. 1879. *Der grüne Heinrich*. 3º tomo. Stuttgart: Göschen'sche Verlagshandlung.
- KRUG GENTHE, M. 1905. Ueber Naturschilderung. Von Friedrich Ratzel. *Bulletin of the American Geographical Society*, v.36, n.9, p. 58-59.
- LÜDECKE, C. 2002. "Ein genußreiches Zusammenleben und –arbeiten". Friedrich Ratzels Zeit in München (1875-1886). *Berichte zur Wirtschaftsgeschichte*, v.25, p. 25-39.
- MARTINS, L. 1993. *Friedrich Ratzel através de um prisma*. Rio de Janeiro, UFRJ (dissertação de mestrado).
- MORAES, A.C.R. 1990. *Ratzel: Geografia*. São Paulo: Editora Ática.
- MÜLLER, G.H. 1998-1999. Jouissance de la nature. Le besoin artistique et le devoir scientifique de la description de la nature: conclusions de Friedrich Ratzel. *Philosophia Scientiae*, n. S2, p. 129-146. Disponível em: [http://www.numdam.org/item/PHSC\\_1998-1999\\_\\_S2\\_129\\_0/](http://www.numdam.org/item/PHSC_1998-1999__S2_129_0/). Acessado em: 01 abr. 2021.
- PFEIFER, W. et al. 1993. *Etymologisches Wörterbuch des Deutschen*. Edição atualizada e digitalizada. Disponível em: <https://www.dwds.de/wb/etymwb/Schilderung>. Acessado em: 01 abr. 2021.
- RAFFESTIN, C. 1988. Postface. In RATZEL, F. *Géographie politique*. Paris: Economica, p. 378-381.
- RATZEL, F. 1874. *Wandertage eines Naturforschers*. Zweiter Theil: Schilderungen aus Siebenbürgen und den Alpen. Leipzig: Brockhaus.
- \_\_\_\_\_. 1880. *Taschenbuch für angehende Fußreisende von Joh. Fr. Frommann*. 2ª edição. Jena: Friedrich Frommann.
- \_\_\_\_\_. 1882. *Anthropo-Geographie oder Grundzüge der Anwendung der Erdkunde auf die Geschichte*. Stuttgart: Engelhorn.
- \_\_\_\_\_. 1888. Zur Kunst der Naturschilderung. *Mitteilungen des Deutschen und Österreichischen Alpenvereins*, v.4, p. 161-165 e 173-175.
- \_\_\_\_\_. 1901. *Der Lebensraum*. Eine biogeographische Studie. Tübingen: Laupp'sche Verlagshandlung.
- \_\_\_\_\_. 1905. *Glücksinseln um Träume: Gesammelte Aufsätze aus den Grenzboten*. Leipzig: F. Grunow.
- \_\_\_\_\_. 1906. *Über Naturschilderung*. 2ª edição. Munique e Berlim: R. Oldenbourg.
- \_\_\_\_\_. 2001. Amigos, o sublime não mora no espaço! (Tradução de Luciana Lima Martins) *GEOgraphia*, v.3, n.5, p. 92-94.
- \_\_\_\_\_. 2010. Sobre a interpretação da natureza. (Tradução de Marcos Bernardino de Carvalho) *GEOgraphia*, v.12, n.23, p. 157-176.

- \_\_\_\_\_. 2016. Geografia política (prefácio) (Tradução de Marquessuel Dantas de Souza e Gabriel Reichenheim). *GEOgraphia*, v.18, n.37, p. 233-236.
- \_\_\_\_\_. 2019a. O espaço da vida. Um estudo biogeográfico. Parte I. (Tradução de Leonardo Arantes). *GEOgraphia*, v.21, n.45, p. 107-116.
- \_\_\_\_\_. 2019b. O espaço da vida. Um estudo biogeográfico. Parte II. (Tradução de Leonardo Arantes). *GEOgraphia*, v.21, n.46, p. 120-130.
- \_\_\_\_\_. 2019c. O espaço da vida. Um estudo biogeográfico. Parte III (Tradução de Leonardo Arantes). *GEOgraphia*, v.21, n.47, p. 115-129.
- \_\_\_\_\_. 2019d. País e paisagem na alma do povo norte americano. (Tradução de Jörn Seemann). *Espaço e Cultura*, n.46, p. 147-166.
- REISHAUER, H. 1905. Friedrich Ratzel und die Alpenforschung. In: *Jahresbericht der Sektion Leipzig des Deutschen und österreichischen Alpenvereins für 1904*. Leipzig: Selbstverlag der Sektion Leipzig, p. 3-30.
- SAHR, W.-D. 2010. Comentário sobre o nosso triálogo entre texto, tradução e revisão. *GEOgraphia*, v.12, n.23, p. 154-156.
- SANGUIN, A.-L. 1990. En relisant Ratzel. *Annales de Géographie*, n.555, p. 579-594.
- SARAMAGO, J. 2000. *A Caverna*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SEEMANN, J. 2012. Friedrich Ratzel entre tradições e traduções. *Terra Brasilis (Nova Série)*, n.1. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/180>. Acessado em: 26 dez. 2019.
- SEEMANN, J.; PEDROSA, B.V. 2019. Friedrich Ratzel e a alma do povo da América do Norte. *Espaço e Cultura*, n.46, p. 137-146.
- SIMONY, F. 1870. Die Zirbe. *Jahresbericht der Sektion Leipzig des Deutschen und Österreichischen Alpenvereins*, v.6, p. 349-359.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. 1905. RATZEL (FR.). Über Naturschilderung. *Annales de Géographie*, v.14, n.77, p. 75.
- WEGENER, G. 1905. Ratzel, Über Naturschilderung. *Geographische Zeitschrift*, v.11, n.10, p. 584-586.